



O Quadrinhos, fanzine publicado desde 1987, está atualmente em um limbo editorial de onde dificilmente sairá. Com cada vez menos leitores e tiragem encolhendo ano após ano, fica a pergunta: será o fim ou tem alguma saída?

Marcos Freitas

Quando comecei a publicar o Quadrinhos, em maio de 1987, tinha apenas 16 anos e estava começando a me apaixonar pelos quadrinhos brasileiros, após anos lendo HQs da Disney, Maurício, Marvel e DC, principalmente. Profundamente abalado após ler as oito edições até então publicadas de *Historieta*, editada magistralmente por Oscar Kern, de ter conhecido o universo de personagens criado por Emir Ribeiro e os zines produzidos por Joacy Jamys, publiquei a primeira edição deste zine, que é hoje, ao lado do Tchê, de Denilson Reis, um dos zines mais longevos em atividade, mesmo que irregular ao longo dos anos. Corte. Voltamos ao presente. Saímos do xerox e reprografias para o offset e impressão digital de altíssima qualidade, com acabamento idem. Hoje, fanzines podem ser confundidos com publicações de grandes e médias editoras. Álbuns fantásticos são publicados de forma independente. As maravilhas da internet facilitam contatos e divulgação. O mundo estantâneo está aí para ajudar os artistas e editores. Mas o que explica então a falta essencial de leitores? O Quadrinhos começou com 30 edições impressas em 1987 e hoje retornamos à este patamar novamente, o que inviabiliza a continuidade da publicação.



Gostaria de saber da opinião dos amigos do QI sobre o assunto e a pergunta que fica no ar é esta? Será o fim definitivo dos fanzines impressos ou há alguma saída? Respostas no email da editora!

RÁPIDO E RASTEIRO

- LICANARQUIA: Após um pequeno atraso, as entregas aos apoiadores da campanha já estão sendo preparadas e em breve começam a ser postadas. Fiz recentemente um vídeo onde comento em detalhes o processo e mostro as imagens

em primeira mão do álbum principal, metas estendidas entre outro itens e brindes desta campanha plenamente aprovada final do ano passado. Licanarquia, com roteiro de Ciberpajé e arte de Toninho Lima, narra o encontro do Lobisomen clássico ao Universo Aurora Pós-Humana. Se você não apoiou a campanha, ainda pode reservar sua edição no site da editora, mas não perde tempo pois são poucas unidades:

<https://atomiceditora.lojavirtualnuvem.com.br/pr-odutos/licanarquia-ciberpaje-e-toninho-lima/>

<https://atomiceditora.lojavirtualnuvem.com.br/pr-odutos/licanarquia-combo-especial-limitado/>

• Promoções e descontos na Loja Atomic: Os leitores do QI e do Informativo Radioatividade têm agora mais um motivo para adquirir os quadrinhos da editora Atomic! leitor QI leva **25% DESCONTO + FRETE GRÁTIS** no valor de capa de qualquer \*item ofertado na loja, para pagamentos à vista via PIX. Veja algumas ofertas disponíveis:

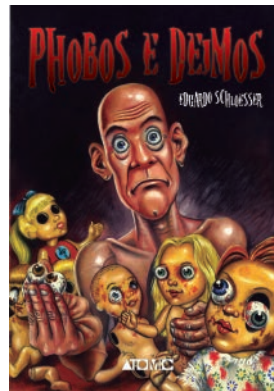
**Contos de Horror**, Júlio Shimamoto (apenas 3 unidades disponíveis, sem previsão de reimpressão). Seis clássicos do mestre Shimamoto. Histórias originalmente publicadas nas revistas Medo (Press) Mestres do Terror e Calafrio (D'Arte) e Spekro (Vecchi). Participação especial de Júlio Emílio Braz. Ainda: Extras exclusivos nesta segunda edição. Produção conjunta Atomic Editora e Quadrante Sul Comics. Álbum com 70 páginas, formato 15,5x23 cm, capa color 4x4 Couche 250g com verniz brilho, miolo 1x1 cor Offset 90g, lombada PUR, schrink individual.

**Johnny Hazard 1** - Frank Robbins (2 unidades disponíveis). Johnny Hazard é uma história em quadrinhos de ação e aventura criada pelo quadrinhista Frank Robbins para o King Features Syndicate. Foi publicada de 5 de junho de 1944 à 20 de agosto de 1977, com histórias separadas para a tira diária e a página dominical. Revista 24 páginas, formato 20x28, capa Couché color 250g 4x4 com verniz fosco, miolo Couché 115g 4x4 cor, grampo e dobra editorial, schrink individual.

**Atomic Magazine 1 e 2**: Séries inéditas desenvolvidas por um time de autores: Ciberpajé (Conversas de Belzebu com seu Pai Morto), Law Tissot (Cidade Cyber), Laudo (Darkla e o Clã da Caverna do Medo), Emir Ribeiro (O Misterioso Homem de Preto) e Gazy Andraus (Inaturânimas). Formato 20x28, capa Triplex 300g, 4x0 cores, verniz UV fosco, miolo 84 páginas, Couché fosco 115g 1x1 cor, lombada quadrada PUR.

**Phobos e Deimos** - Eduardo Schloesser: Eduardo Schloesser, criador de Zé Gatão, se junta às hostes radioativas e apresenta Phobos e Deimos!! Uma edição com nada menos que 7 histórias, cada uma equivalente a um álbum, trabalho de fôlego de um

artista capaz de produzir qualidade e quantidade. Cada HQ do livro tem sua história própria. Seja no tema, seja no estilo do desenho, seja no tratamento dos personagens. Começa com o terror dos zumbis, continua com algo mais prosaico e intimista, entra na



ficção científica, passa por uma alegoria quase humorística no reino vegetal, trata do drama da decadência humana, segue com o destino traçado pelo sobrenatural, até culminar com uma vasta exposição do folclore e lendas do Brasil. Todas as histórias com algo em comum: o capricho no desenvolvimento dos temas e na realização dos desenhos. E a ausência de concessão. O que precisou ser contado ou mostrado, foi. Sem medo nem temor. (Edgard Guimarães). Formato 16x23, capa Triplex 300g, 4x4 cores, orelha 7cm, verniz BOPP fosco, miolo 293 páginas, Couche fosco 115g 1x1 cor, lombada quadrada PUR, schrink individual.

**Quadrinhos 14** - Edição aniversário 30 anos: Quadrinhos: Fronteiras do Amanhã (Gustavo Valladares/Itamar Gonçalves), A Fofqueira (Emir Ribeiro), Hermit (Alberto Monteiro), Osso Morto (Vaughn Bodé), Alívio e HQ Forismo (Ciberpajé), Dia de Pedir Demissão (Bira Dantas), A História do Ovo (Laudo Ferreira Jr.), Olha a Bosta! (Luciano Irrthum), O Passarinho (Abuli/Bernet) e Última Canção (Joacy Jamys). Entrevistas: Franco de Rosa, Júlio Emílio Braz e Luiz Eduardo Lopes de Castro (Luga). Colunas: Momento da Press (Superflicção), Política e Quadrinhos, Nação Xerox (Aventura), Repórter HQ, Tavern Quadrinhos, Cineclub, Crônica (Marcos Freitas) e as colunas de Calazans, Ciberpajé, Conexão Múltiplo (André Carim), Gazy Andraus e Edgard Guimarães. Revista 180 páginas, formato 15,5x23, capa Couché color 4x0 com Prolan, miolo Offset 90g 1x1 cor, lombada.

*\*EXCETO ORIGINAIS*

CONFIRA MAIS QUADRINHOS EM:

[www.atomiceditora.lojavirtualnuvem.com.br](http://www.atomiceditora.lojavirtualnuvem.com.br)  
[atomiceditora@gmail.com](mailto:atomiceditora@gmail.com)



## ARTIGO

Paulo Kobielski

# Por que o brasileiro é fascinado pelo terror?

As histórias de terror sempre tiveram preferência do público leitor brasileiro. Entretanto, poucos são os autores que se preocuparam em fazer uma análise mais aprofundada desse tema. Em um pequeno artigo publicado em “O Grande Livro do Terror”, editado pela Argos, em 1978, Rudolf Piper explica que “atualmente já se pode ter uma perspectiva histórica suficiente para afirmar que o terror é um dos gêneros de maior aceitação entre o público brasileiro de todas as épocas. Isso seria motivado pela profusão das religiões animistas que integram nossa cultura popular, pelas credences originárias do sertão, pela tendência natural do 'Zé Povinho' de colocar a resolução dos seus problemas nas mãos de forças superiores e ocultas”. O autor ainda acrescenta que “as razões dessa preferência ainda estão difusas, mas é certo que o fato de sermos o povo mais místico do mundo depois da Índia, tem algo a ver com isso. Nossas raízes culturais e nosso folclore estão repletos de figuras míticas e fantásticas, que atuam fortemente sobre a imaginação das crianças e adultos. A Mula Sem Cabeça, O Negrinho do Pastoreio, Curupira e o próprio Saci são personagens que unem o real e o sobrenatural de forma extraordinariamente bem lograda.” Podemos perceber que a maioria destas lendas interpreta o espírito nacional de maneira bem curiosa: todos os seus protagonistas encarnam, ao mesmo tempo, o Bem e o Mal: são capazes de dar alegria e prazer, mas também semeiam a discórdia, a violência e a morte.

Com todos esses elementos contidos no imaginário popular, não foi surpresa que fosse despertado o interesse por todo e qualquer produto cultural que abordasse assuntos relacionados ao terror. Além da literatura específica, sempre houve uma receptividade enorme para as obras de ficção. Dessa forma, podemos constatar que o gênero

Terror é a expressão mais perfeita e refinada de toda imaginação que procura o irreal e o supranormal. Toneladas de folhetins macabros, milhares de contos, inúmeros romances, quilômetros de filmes, e infinitas horas de programas televisivos foram consumidos ao longo do século passado e nas primeiras décadas do século XXI, na busca dos prazeres do sobrenatural.

Apesar de possuímos uma riqueza cultural, quase todo material consumido era - e ainda é -, de origem estrangeira. Fora a filmografia de Zé do Caixão e algumas produções para o rádio, parece que as histórias em quadrinhos formam o único campo em que a penetração norte-americana não se deu em toda sua profundidade. Durante muito tempo, inclusive, as HQs de terror foram as únicas que contavam uma alta porcentagem de produções nacionais.

As raízes desse fenômeno podem ser encontradas no início da imprensa popular em nosso país. Inicialmente eram consumidas as traduções de inúmeros pulps norte-americanos – revistas baratas, impressas em papel de baixa qualidade -, que vinculavam uma série de contos fantásticos apresentados em Detective (1936- 75), Contos Magazine (1937- 47), X-9 (1941- 70), entre outros.

Alvaro de Moya, pesquisador, localiza numa revista Mirim, de 1937, a primeira HQ de terror publicada no Brasil. Trata-se da série “Dr. Oculto”, produzida por Leger & Reuths, pseudônimos de Jerry Siegel e Joe Schuster, criadores do “Superman”. O ano de 1937 também nos reservaria o lançamento de uma obra sem igual nas HQs brasileiras, “A Garra Cinzenta”, série publicada em capítulos de uma página cada em A Gazetinha, suplemento do jornal A Gazeta. Considerada por muitos a primeira HQ de terror brasileira, escrita por Francisco Armond – que até hoje ninguém sabe com certeza quem seria – e

desenhada pelo mestre Renato Silva, chegando a ser publicada até na Europa.

Com a decadência dos comics de super-heróis durante e pós- guerra, coube a Stan Lee, o mago dos quadrinhos, a descoberta do novo filão, nos anos 1940, puxada por “Terror Tales”, logo seguida por muitas outras numa produção editorial que tem seu ponto mais alto do ponto de vista da qualidade artística, nos famosos gibis da EC Comics, capitaneada por William Gaines e Harvey Kurtzman.

No Brasil, a primeira revista exclusivamente dedicada ao gênero foi a inesquecível “Terror Negro”, lançada pela editora La Selva em 1950. Inicialmente focada nas aventuras de “Black Terror”, personagem de Jerry Robinson, mas a partir de 1951, por sugestão do grande desenhista Jayme Cortez (1926-1987), a publicação foi reiniciada a partir do volume 1. Segundo ele, para atrair exclusivamente o público de terror. O sucesso foi estrondoso. Milhares de cópias eram vendidas todos os dias e edições inteiras se esgotavam. Lobisomens, vampiros e monstros mecânicos estavam na ordem do dia e as capas de Jayme Cortez davam um colorido todo especial ao clima das histórias.

Os quadrinhos, entretanto, não eram vistos com bons olhos por uma boa parte da opinião pública, especialmente as forças conservadoras que tinham reservas quanto a este novo meio de comunicação, especialmente as histórias de terror, que eram acusadas de prejudicar a formação moral das crianças e jovens. Com o advento da “caça às bruxas”, propiciada pelo macarthismo norte-americano, foi instituído o Código de Ética que praticamente acabou com este tipo de publicação nos Estados Unidos

Com o desaparecimento dos “magazines” importados, faltou matéria-prima para abastecer nosso mercado consumidor de gibis de terror. Coube então a um grupo de empresários idealistas, entre os quais José Sidekerskis, Heli Otávio de Lacerda, Cláudio de Souza e Miguel Penteado, entre outros, preencher esta lacuna reunindo uma das maiores e mais talentosas equipes de roteiristas e desenhistas desse país.

Além da La Selva, outras editoras também despontaram na produção desses gibis. A paulistana Gráfica Novo Mundo, depois Júpiter, onde se destacaram Gedeone

Malagola e Diamantino Silva. Outra editora importante nesse período foi a Continental, que depois virou Outubro e mais tarde Taika. Inaugurada em 1959 por empresários liderados por José Sidekerskis chegou ao mercado publicando gibis de todos os gêneros. Foram reunidos aí um time de grandes artistas do quadrinho nacional e que levaram o terror brasileiro a uma verdadeira Era de Ouro: Jayme Cortez, como diretor de arte e capista principal, além de Nico Rosso, Flávio Colin, Julio Shimamoto, Luis Saindenberg, Sérgio Lima, Gedeone Malagola, Getúlio Delphin, Juarez Odilon, Lyrio Aragão, Inácio Justo, Aylton Thomas, Edmundo Rodrigues entre outros tantos.

Inúmeros foram os títulos publicados nesse período. Além do “Terror Negro” (1951/67), tivemos “Contos de Terror”(1954/64), “Sobrenatural”(1954/67) e “Frankenstein”(1959/67) pela editora La Selva, bem como “Sepulcro” e “Horror” das Edições Júpiter, “Gato Preto”(1954/64), “Medo”, “Noites de Terror”(1954/67) e “Mundo da Sombras”(1954/67) pela editora Novo Mundo, “Sexta-Feira 13” da Orbis, “Contos Macabros”, “Histórias do Além”, “Terror”(1959/62), “Histórias Macabras” e “Seleções de Terror”(1959/66), todos da Outubro, só para citar os principais.

Depois da Gazetinha das décadas de 1930 e 1940, este foi o maior centro de produção brasileira de histórias em quadrinhos até então. Pode-se até dizer que este foi o primeiro movimento consciente que se realizou em defesa da HQ nacional e contra a invasão cultural estrangeira. A importância desse movimento persiste até nossos dias. Apesar de ter se iniciado em 1959, muitos do seus participantes continuaram a luta nas décadas seguintes. Mas isso veremos somente no próximo capítulo.

